



Meus queridos amigos, bom dia! Um magnífico sábado e um final de semana maravilhoso para você e todos os seus. Como de praxe, adentraremos em mais um capítulo do livro “Vida de Jesus”, de Plínio Salgado. Chegamos ao 43ª Capítulo. Hoje disponibilizamos a segunda parte do capítulo intitulado “O enigma decifrado”. Nesta segunda parte, Jesus é intrépido contra os Fariseus que o interpelavam, a todo o momento, porque curara o aleijado no dia do sábado. Sigamos ao texto:

O ENIGMA DECIFRADO - Parte 2

À hora sexta, - e o sol, no zênite, fulgurava por sobre o panorama das muralhas, das torres e dos bairros populares - duas trombetas de prata vibraram longamente na esplanada do Templo.

As multidões precipitaram-se das encostas de Siloé, de Getsemani e de Bezeta, das colunas de Ofel e de Acra, das imediações do Cenáculo e dos palácios de Caifás e dos Asmoneus, tumultuando no vale do Tiropeon, desde os torreões do monte Moriá até à porta Judiciária, que se abria para o Gólgota. E dali, ao passo que as trombetas continuavam a cantar, a onda, colorida pelos trajes de todas as tonalidades, pôs-se a galgar as escadarias que se dirigiam ao grande átrio.

Os levitas, desde as colunas do Gasofiláceo, estendiam-se numa fila branca de vestes talaras, que penetrava o átrio sagrado e ia circundar o altar dos holocaustos; e, mais além, sobre a escadaria que sobe ao recinto santíssimo, os príncipes dos sacerdotes ostentavam seus mantos do azul e carmesim e suas altas mitras reluzentes. Soavam harpas e tamboris. Os sacerdotes entoavam salmos. O povo agitava as palmas e rompia, a espaços, num vasto coro de vozes, que reboava por todo o panorama banhado de sol.

Foi no fim das cerimônias. A multidão espriava-se pelas escadarias. O entrevado-curado encontrou-se com o seu Salvador. O desconhecido achava-se em companhia de outras pessoas e ensinava.

O homem não se continha na alegria de se ver livre da enfermidade, correu ao Rabi, exclamando:

- Senhor! Eis-me aqui!

Um dos fariseus, que haviam interpelado o imprudente, repreendendo-o à Porta das Ovelhas, chamou os amigos, dizendo-lhes:

- Estais vendo? É Jesus de Nazaré o transgressor do sábado.

A esse tempo, Jesus respondia ao homem que se lhe apresentava:

- Eis que estás são; não peques mais para que não te suceda coisa pior.

O grupo de fariseus aproximou-se.

És tu, pois, o que curou no sábado? E te inculcas mestre, assim procedendo?

Jesus respondeu:

- Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

Com ódio profundo, um dos escribas interpelou:

- Chamas a Deus teu Pai e fazes-te igual a Deus!

Em torno de Jesus formou-se vasto círculo de fisionomias perversas, umas com a cólera fuzilando nos olhos, outras com a ironia ferina torcendo os lábios, e todos curiosos por verificar como o jovem profeta escaparia ao ardid daquela frase atirada como desafio. Mas o Mestre, firme e sereno, anunciou:

- Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se não o vir fazer ao Pai; porque tudo quanto Ele faz, o Filho faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que faz, e ele evidenciará maiores coisas que estas, para que vos maravilheis; pois assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica aqueles que quer. E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo, para que todos honrem o Filho como honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou.

Estas palavras deixaram perplexos os circundantes. Já não era apenas o ódio; mas o assombro. Em torno de Jesus aglomerava-se turba enorme. Numerosos doutores, muitos sacerdotes, levitas e letrados punham as mãos em concha nos ouvidos para não perder uma sílaba.

Na Galiléia, Jesus justificara as curas que fizera no sábado, usando dos argumentos comuns aos debates dos escribas. Eram razões humanas e, aduzindo-as, procurava nas escrituras os textos que o autorizavam a transgredir o formalismo legal justamente para prevalecer o espírito da lei. Em Cafarnaum, falara como um hermeneuta, interpretando, valendo-se dos argumentos de jure e da autoridade dos profetas e legisladores. Agora, porém, em pleno Templo, e diante da cidade de Davi, em vez de discutir, assumia inteira responsabilidade e proclamava um direito, um assombroso direito que emanava da fonte misteriosa da sua origem divina.

Grande murmúrio cresceu.

- Quem é este homem que assim fala audaciosamente?
- Onde estamos, que nos submetemos a ouvir tão clamorosa blasfêmia?

Com voz mais alta e forte, Jesus exclamou:

- Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida. Chegada é a hora em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem viverão.

Adensara-se compactamente a massa de povo em torno de Jesus. Contemplando aquele mar agitado de cabeças, aquelas bocas entreabertas e aqueles olhos cintilantes de pasmo, o Mestre repetiu com vigor:

- Não vos maravilheis, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que fizeram o bem sairão para a ressurreição e a vida, e os que fizeram o mal para a ressurreição e a condenação. Eu não posso de mim mesmo fazer alguma coisa: como ouço assim julgo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai, que me enviou. Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro.

Aqui a cólera dos doutores atingiu a plenitude. O Mestre não se arrogava apenas o direito de se sobrepor à lei humana, transgredindo o sábado, como se fosse o próprio Deus, mas proclamava-se julgador dos homens. Era demais.

Na próxima semana continuamos com a terceira parte.